



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 13 DE NOVEMBRO DE 1996

Senhor Ministro de Minas e Energia; Senhores Ministros aqui presentes; Senhor Presidente da Petrobras, Dr. Joel Rennó; Senhor Líder do PSDB na Câmara; Senhores Diretores da Petrobras; Senhores Funcionários da Petrobras;

Realmente, é uma grande satisfação poder registrar, hoje, diante do País, este marco de 900 mil barris por dia. Eu perguntava, há pouco, ao Dr. Joel qual era a produção no início de 1995. Era de 750 mil barris. Quer dizer que houve, em menos de dois anos, um aumento muito significativo, de mais de 20% na produção, o que dá razão às palavras do Ministro Raimundo Brito, no sentido de que, efetivamente, vamos poder alcançar essa marca de 1 milhão de barris e, depois, superá-la. O nosso objetivo na Petrobras, como é o objetivo no País em geral, é o de nos superarmos a nós próprios. Quem se conforma com o que já atingiu não é um bom condutor do País. Nós não estamos contentes. Nós queremos mais e vamos obter mais.

Acho que é o dia de agradecimento à Petrobras, aos funcionários, aos trabalhadores, aos técnicos, aos engenheiros. O que a Petrobras tem conseguido em matéria, por exemplo, de perfuração em águas

profundas é extraordinário. Aí, é recorde mundial. É a tecnologia que, nessa matéria, coloca a Petrobras na ponta em nível mundial. E o que é tão significativo quanto a produção dos 900 mil barris diários é o fato de que a Petrobras aumenta as reservas também, porque segue na pesquisa. Então, nós temos um horizonte de expansão que nos conforta. De modo que temos que, realmente, ser gratos àqueles que lá trabalham, desde o operário até o técnico, o dirigente. Isso mostra a vitalidade dessa empresa, e o que permite a sua vitalidade é a motivação do seu pessoal.

Digo isso com muita tranquilidade e muita alegria, porque coube a nós tomarmos decisões difíceis, como aquela relativa ao que chamamos de flexibilização do monopólio do petróleo. Decisão difícil, e mais difícil ainda para mim, porque, na primeira vez em que fui processado no Brasil – eu só fui processado por causas nobres –, uma das acusações foi exatamente porque eu era favorável ao monopólio do petróleo. E era, até porque meu pai, general, era um dos “generais do petróleo”.

Já contei isso mais de uma vez. Quando eu era menino, em uma época em que vivia muito freqüentemente na casa do Marechal Horta Barbosa, cuja filha é minha tia, nós víamos, nos anos 1930 – eu já sou velhinho, bem mais velho do que o Ministro –, vidrinhos de petróleo na sala de jantar. Então, para quem veio dessa cultura, que era a cultura da necessidade de o Brasil se tornar produtor auto-suficiente, se possível, mas produtor de petróleo, foi uma decisão difícil a de tornar flexível o monopólio do petróleo.

Por que a tomamos? Porque nos convencemos – o Dr. Joel participou disso, o Ministro Raimundo Brito também – de que era a melhor maneira de a Petrobras se ajustar aos desafios do mundo contemporâneo. Não faltou quem não tivesse entendido e quem tivesse imaginado que isso seria pôr fim à Petrobras, que seria uma catástrofe, pois iríamos alienar. Não vamos alienar patrimônio nenhum. Vamos acrescentar ao nosso patrimônio a capacidade de outras empresas, porque a Petrobras, hoje, não tem o que temer. Ela tem condições tranquilas de competir, de fazer *joint ventures*, de definir rumos como está fazendo. E é o que começa a acontecer.

Tão logo seja regulamentada a emenda constitucional do petróleo – a lei está no Congresso, com o Deputado Eliseu Resende –, tão pronto seja terminada essa regulamentação, não tenho dúvida nenhuma de que isso vai permitir à Petrobras uma expansão enorme através de novos capitais que vão se associar a ela, assim como a Petrobras foi capaz de fazer na Bolívia.

Eu lutei muito para que houvesse esse gás da Bolívia. Houve quem dissesse que isso se opunha aos interesses da Petrobras. Ao contrário, a Petrobras, hoje, é um dos instrumentos fundamentais da possibilidade de esse gás chegar até o Rio Grande do Sul. Vai ser uma revolução no sistema energético brasileiro, assim como – e já foi mencionado aqui – o gás de Urucu, lá no Amazonas, vai ser também um passo muito importante para a Região Amazônica.

Nós estamos, realmente, assistindo a um momento de grandes transformações no Brasil e, portanto, na Petrobras, numa nova fase, em que ela entra, com muita energia, num mercado que é mais aberto, mais competitivo, mas no qual ela vai ter uma participação sempre crescente, e tanto maior quanto maiores forem as possibilidades de o Brasil se expandir.

É com confiança que estamos entrando nessa nova fase do Brasil. É com alegria que nós vemos a Petrobras ajustar-se a essa nova fase e ser capaz de uma resposta tão pronta às exigências dessa nova fase.

Isso só se faz porque existe confiança generalizada no País. Nós voltamos a acreditar em nós próprios. Não precisamos ficar com medo de quem possa se aproximar de nós para participar dessa transformação.

Isso não era assim nos anos 30. Nós não tínhamos essa condição. Tínhamos que tomar as medidas que tomamos, no momento adequado, nos anos 30, nos anos 40, para que pudéssemos chegar ao ponto a que chegamos. Mas seria um retrocesso, depois de chegarmos a esse ponto, continuarmos a atuar como se estivéssemos, ainda, numa situação de inferioridade.

Se não tivesse havido essa mudança cultural, essa capacidade de entender quais são os novos desafios, nós ficaríamos para trás, porque não teríamos mobilizado as nossas energias para a etapa seguinte.

A Petrobras mobilizou essas energias e está sendo conduzida competentemente pelo Joel Rennó. Como ele próprio disse, o Ministro Raimundo Brito tem dado sempre as linhas de maneira muito convincente e permitido o que foi dito aqui. Tem é que parar um pouco, senão, quase todo mês nós temos que comemorar alguma coisa: é um poliduto novo, é um contrato importante novo, que se está fazendo – todos os meses, nós temos visto uma coleta significativa de avanços.

Apraz-me dizer, para finalizar, que, se isso se materializa, hoje, nesses 900 mil barris diários como uma etapa provisória para superarmos a casa do milhão – e vamos superar –, não é só a Petrobrás, não. Estamos sentindo, hoje, em vários setores da vida brasileira, essa disposição de enfrentar os desafios e de ganhar as batalhas.

Há pouco, eu comentava que – estou chegando do Chile, Santiago – conversei com muitos presidentes lá, com o do Equador, com o da Venezuela, com o da Argentina, com o do Paraguai, e todos estão olhando para nós com muita satisfação e entusiasmo, estão participando disso. O fato de termos mudado a nossa matriz energética – e isso me disse o Dr. Rennó que é verdade; começamos a mudá-la mais fortemente quando eu era Chanceler e, com o apoio da Petrobras, decidimos comprar petróleo da Argentina e, agora, da Venezuela – viabilizou o Mercosul e viabiliza uma integração na América do Sul muito grande, porque, só na Argentina, são 1 bilhão de dólares por ano, mais uns 500 ou 600 milhões na Venezuela, são 1 bilhão e 500 milhões de dólares.

Isso significa a possibilidade também de exportar produtos para esses países e forma – conforma, mais do que forma – o espaço sul-americano como um espaço de cooperação, como um espaço de paz, como um espaço de progresso. E esses países, nossos vizinhos, sentem que o Brasil hoje participa, com muito entusiasmo, da elaboração de um novo momento da América do Sul.

Agora mesmo, o Ministro das Minas e Energia me transmitiu a notícia, de ontem, aliás – o Secretário de Assuntos Estratégicos está lá, em Caracas –, de que vamos comprar energia hidrelétrica do

Guri, Venezuela, uma velha aspiração de Roraima. Vamos ter a possibilidade de dispor, agora, em Boa Vista, de energia elétrica estável. Aquela é uma região estável, uma região riquíssima.

Estamos incorporando, de novo, ao desenvolvimento do Brasil regiões que estavam esquecidas. Assim como em Urucu vai haver uma revolução – na terra do Líder José Aníbal, de nascimento, não a terra política; não é isso, não: ele é de Rondônia, onde agora estamos com o gás de Urucu, que vai servir para viabilizar, com mais facilidade, a região de Rondônia –, em Roraima vamos ter a energia do Guri.

Bom, estamos fazendo o linhão de eletricidade para permitir que, no Pará, as populações sejam beneficiadas com a energia de Tucuruí. A Vale do Rio Doce está, ao mesmo tempo, fazendo, lá, a Mina de Salobo, no Pará, para vitalizar aquela zona tão difícil, do Bico de Papagaio – Marabá, Parauapebas, não sei onde vai ser, mas por ali será; depende ainda de decisões técnicas que, mais adiante, serão tomadas.

Ou seja, há um processo integrador no Brasil. Não estamos, simplesmente, pensando no Centro-Sul, pensando em São Paulo, no Rio de Janeiro – em que é preciso pensar, também, mas não é só. É um processo integrador.

Para esse processo integrador, nós temos que contar, fortemente, com esse novo espírito. E a Petrobrás tem sido parceira, parceira muito conseqüente, na compreensão das necessidades de certas decisões que têm um caráter que vai além do caráter economicamente estratégico, um caráter – não é político, não – nacionalmente integrador. Até direi mais: é sul-americanamente integrador, no melhor espírito de cooperação do Brasil com os países vizinhos e de aproveitamento das vantagens relativas que podemos oferecer-lhes e vice-versa.

De modo que quero felicitá-los mais uma vez e me desculpar porque, como sempre, falo um pouco além do que gostaria, mas eu me entusiasmo com o entusiasmo e com as realizações, que não são minhas, são do povo brasileiro, são de vocês todos. Eu me entusiasmo porque, realmente, acho que estamos descortinando um novo horizonte para este grande país.

Muito obrigado e parabéns a vocês mais uma vez.